

Bolsonaro rebate caso das joias e busca liderar oposição

No retorno dos Estados Unidos ontem pela manhã, ex-presidente disse que atual governo não vai "fazer o que bem quer"

Após 89 dias nos Estados Unidos, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) retornou ao Brasil na manhã de ontem determinado a assumir a linha de frente da oposição ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em uma das primeiras declarações depois de desembarcar em Brasília, disse que Lula não vai fazer "o que bem quer do futuro da nossa nação".

O voo comercial que trouxe Bolsonaro pousou no aeroporto da capital federal por volta das 6h40min. O ex-presidente estava na Flórida desde que deixou o Brasil, em 30 de dezembro.

Desde cedo, cerca de 600 apoiadores com camisetas amarelas e enroladas em bandeiras do Brasil aguardavam o ex-capitão no saguão do terminal – ao longo da semana, aliados de Bolsonaro chegaram a prever que seriam 10 mil pessoas na recepção. Bolsonaro, porém, não passou pelo saguão principal.

A primeira manifestação do ex-presidente ocorreu ainda pela manhã no Complexo 21, no centro de Brasília, onde se reuniu com políticos do PL. No discurso, destacou o peso da sigla e de outros partidos de direita no Congresso Nacional atualmente.

– Lembro lá atrás que, quando alguém criticava o Parlamento, o Ulysses Guimarães dizia: "Espere o próximo". Dessa vez, o próximo melhorou e muito. O Parlamento está nos orgulhando pelas medidas, pela forma de se comportar, de agir lá dentro, fazendo realmente o que tem de ser feito, e mostrando para esse pessoal que, por ora e por pouco tempo, estão no poder, não vão fazer o que bem quer do futuro na nossa nação – disse Bolsonaro.

CPMI

O ex-presidente vai passar a despachar diretamente do escritório do PL, na região central de Brasília, e receber aliados. A primeira pauta é defender a instalação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para investigar os atos golpistas de 8 de janeiro, como estratégia para desgastar o Planalto e culpar o governo pela invasão às sedes

dos Três Poderes em Brasília.

A ordem no PL é não dar "sossego" para Lula e manter os militantes ativos em torno de Bolsonaro e da ex-primeira-dama Michelle, que assumiu recentemente o comando do PL Mulher. Também há expectativa de que o casal comece a viajar pelo país no segundo semestre, com olhos voltados às eleições municipais do ano que vem, consideradas uma "antessala" do pleito presidencial de 2026.

Do lado de fora, apoiadores saudaram o ex-presidente e gritavam palavras de ordem. "CPMI" foi uma delas. "O capitão voltou" foi outra. Também houve quem citasse a organização que antecedeu os ataques aos poderes no dia 8 de janeiro. "Que saude do QG", gritou uma apoiadora. Outro simpatizante disse que foi preso após os ataques e agora tinha voltado à ativa. "Viva a hidroxiquina, a ivermectina e a azitromicina", disse uma apoiadora ao cumprimentar o deputado federal e ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello (PL-RJ).

Acirramento

Antecipando o acirramento do clima político que é esperado com a presença de Bolsonaro no país, o ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, ironizou o tamanho da recepção ao ex-presidente no aeroporto. Em entrevista coletiva, Padilha afirmou que a recepção "flopou", termo comumente utilizado nas redes sociais para se referir a eventos que não atingiram as expectativas. Padilha chamou Bolsonaro de "líder com pé de barro" que "fugiu do país".

O ex-presidente também se queixou do fato de o governo federal não ter fornecido carros blindados para transportá-lo, o que não tem previsão legal. Os ex-mandatários têm direito somente a dois veículos oficiais, como motoristas. Bolsonaro, porém, alegou ter recebido em relação à segurança.

– A gente fica preocupado. Eu não tenho peito de aço. (...) Agora, não é atitude racional por parte desse governo – criticou.



Ex-chefe do Executivo foi recebido por apoiadores ao desembarcar em Brasília

Terceiro pacote saudita está "pronto para ser entregue"

O retorno de Bolsonaro ocorreu um dia após o ex-presidente ser intimado pela Polícia Federal para depor no inquérito aberto para investigar os pacotes de joias trazidas de forma ilegal da Arábia Saudita. Em conversas na sede do PL e em entrevistas, ele tentou minimizar o caso, alegando que todos os presentes que recebeu foram registrados.

Em entrevista à Jovem Pan ontem, afirmou que recebeu os presentes dos sauditas "porque eles são riquíssimos".

– Eles têm dinheiro, pô. É o prazer deles dar o presente. Esse sheik me convidou, eu fui na casa dele, fiquei na casa dele. Ele tem coisas que nós não temos: três esposas, por exemplo. Eles são muito bem-sucedidos. São riquíssimos, e eles procuram agradar as pessoas. Mas sou um cara que continuo com o meu relóginho aqui, graças a Deus – afirmou Bolsonaro.

O ex-presidente também negou que haja qualquer irregularidade em seus atos e disse não entender a repercussão que o caso ganhou. Afirmou ainda que o terceiro conjunto, descoberto esta semana, "está pronto para ser entregue".

– Eu não quero ter uma joia em casa. Nunca, jamais, vou ter uma joia do preço que está aí.

Até conversei com a minha esposa, se fosse nossa, o que ia fazer com isso daí. Leiloar, instituição de caridade, fazer bom uso dela? – questionou.

Invasões

Sobre os atos antidemocráticos ocorridos no país, Bolsonaro disse que foi "movimento espontâneo por parte da população, que resolveu ir para as portas dos quartéis por questões de segurança". Afastando qualquer responsabilidade sobre as invasões às sedes dos Três Poderes, alegou que não "manda em ninguém" e defendeu a criação de uma CPMI para "trazer a verdade, mostrar o que aconteceu".

O ex-presidente também descartou a possibilidade de a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro disputar um cargo no Executivo, o que foi ventilado pelo presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto. Segundo Bolsonaro, Michelle não tem interesse em concorrer e não possui "vivência" para isso.

– Ela é uma pessoa que não tem essa vivência política. Todo mundo pode disputar um cargo eletivo desde que tenha a idade, mas tem de ter algo a mais – afirmou.

PF investiga bolsonaristas por protestos

No mesmo dia do retorno de Bolsonaro, a Polícia Federal cumpriu mandados em 32 endereços em busca de provas de envolvimento de aliados do ex-presidente em atos antidemocráticos no Ceará. Os mandados foram cumpridos por 140 policiais federais nas cidades de Fortaleza, Maracanaú, Itaitinga, Caucaia, Pacajus, Tauá, Brejo Santo e Imperatriz, todas no Ceará, e em Condor, no Rio Grande do Sul. Não foi informado quem era o alvo na cidade gaúcha.

Autorizada pela 12ª Vara da Justiça Federal do Ceará, a Operação Impávido Colosso identificou quem seriam os financiadores, organizadores e lideranças dos protestos que fecharam a BR-116, na altura de Fortaleza, após o segundo turno da eleição, e na avenida Alberto Nepomuceno, próximo à 10ª Região Militar de Fortaleza. Os manifestantes protestavam contra a vitória do agora presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Os investigadores veem indícios dos crimes de associação criminosa e incitação das Forças Armadas contra os poderes, com penas de até três anos de prisão.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Três meses depois Página: 10